Acervo ISA

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

**Fonte:** Jornal do Brasil **Class.:** 88

**Data:** 14.08.74 **Pg.:**

# *Transferência para outra reserva pode extinguir a tribo dos cintas-largas*

*Humboldt*, Mato Grosso (de Henrique Gonzaga Jr., enviado especial) — A descoberta de jazidas minerais de interesse econômico, nesta região, vai obrigar o Ministério do Interior a transferir os índios cintas-largas, a última das grandes nações indígenas brasileiras, para outra reserva, reduzindo-lhes ainda mais a possibilidade de sobrevivência fora do seu habitat natural.

Mesmo correndo o risco de violentá-los com a mudança de ambiente, o Ministério pretende adotar a iniciativa a curto prazo, uma vez que os cintas-largas já começaram a morrer vitimados pela gripe contraída no mês passado, depois do seu contato com o povoado de Humboldt, onde vieram mendigar e pedir machados.

INVASÃO

A transferência foi denunciada pelo Padre jesuíta Iasi Júnior, missionário que move uma campanha sem trégua pela preservação dos índios no Estado de Mato Grosso. Vestindo roupas comuns e conhecido em Mato Grosso como seu Iasi, o Padre lamenta que os missionários da sua Ordem estejam sobrecarregados com as atividades de assistência aos índios do Município de Diamantino onde está a sede da Missão Anchieta, pois caso contrário, "já teríamos movido uma campanha para denunciar a invasão sistemática da nação Cinta-Larga."

O Padre Iasi acusa o Governo do Estado de ter transferido, pela Lei 3 542 de junho último, 120 mil hectares de terra no Aripuanã para a Prefeitura local, que vai lotear a área.

Ameaçados pelo desenvolvimento que chegará com as jazidas minerais e pelo loteamento indiscriminado da Prefeitura de Aripuanã, os índios têm agora poucas perspectivas de futuro. Se sobreviverem a esses dois fatores, tudo indica que se desagregarão — como ocorreu em outras áreas indígenas — com a construção da Rodovia BR-172, que ligará Vilhena, na fronteira de Rondônia e Mato Grosso, à Transamazônica.

Outra estrada prevista para a região ligará o núcleo de Humboldt ao vilarejo de Fontanillas e ao Porto dos Gaúchos, em Mato Grosso. As duas rodovias cortam todo o Parque Indígena do Aripuanã, pondo fim ao sonho do sertanista Francisco Meireles, que pacificou os índios da região em 1968 e pretendia fazer da reserva um modelo da política indigenista oficial.

Meireles conseguiu, logo depois dos primeiros contatos, que a Funai interditasse a área, e que o Governo decretasse a criação do Parque Indígena. No ano passado, pressionado pelas empresas de mineração de cassiterita e pelos colonizadores, o então presidente da Funai, General Bandeira de Melo, reduziu drasticamente as dimensões do Parque.

DOIS FUTUROS

Designado desde março último para a chefia do Parque do Aripuanã, o sertanista Apoena Meireles está tentando preservar o sonho do pai, e levou para a região sua jovem esposa, estudante de Antropologia, que já contraiu as primeiras doenças da selva, especialmente a malária (três acessos em dois meses). Isolado e sem recursos, com sua ação restringida pelas grandes distâncias, o casal está sendo batido pela rapidez do desenvolvimento, que traz novas frentes pioneiras não preparadas para o contato com os índios.

Quando, em junho, um grupo de cerca de 60 índios chegou a Humboldt mendigando comida, Apoena Meireles pôde apenas enviar um índio intérprete para ajudar o povoado a se entender com os recém-chegados. Os índios permaneceram um mês nas cercanias da cidade. Incomodados com aquela mendicância, os responsáveis pelo Projeto Aripuanã deram-lhes 50 machados para que eles fossem embora.

— Eles se foram, mas é certo que voltem lá para outubro, quando as chuvas os colocarem ao desabrigo — afirma Tibor Paal, húngaro de nascimento, que está na região há 18 anos. Ele acrescenta: "O futuro aqui é risonho para todo mundo; menos para os cintas-largas."